

TOCA,  
RAUL...

# TOCA, RAUL...



Um pouco de

## Cada arte...

\*  
O. A.  
SECATTO  
oasecatto@bol.com.br  
www.oasecatto.com.br



## OLHOS DE SANGUE

**T**odo mundo parado! – gritaram os policiais, ao arrombar a porta do galpão abandonado. — Vá, mate-a logo! Mate-a agora! — bradou um dos assassinos.

Mas, antes que o punhal alcançasse o peito da criança, uma justa bala esraçalhou o pulso do criminoso, que caiu abraçando o próprio braço macerado. Os outros cinco sectários, aturdidos, lançaram-se ao chão e encostaram-se na parede imunda.

— Protejam as vítimas! Vão ver se as crianças estão bem. Vão, vão, vão! — ordenou o capitão da operação de resgate.

Tudo estava muito escuro e o negro-me só era cortado pelas fétidas velas do ritual macabro e pelas lanternas dos policiais.

— Capitão, o que é aquilo? — perguntou um deles, apontando o dedo.

— O quê?... — disse o capitão, sem entender seu assombro.

No improvisado altar de sacrifícios, sobre os dois corpos já sob o frio da morte, vislumbraram uma forma de costas, com uma corcunda que quase lhe escondia a cabeça e o resto do corpo. A pele pútrida e asquerosa, num marrom irregular com tons esverdeados, cobria a criatura nua que, agachada sobre a ara satânica, mexia-se lentamente. Ela se virou para os recém-chegados: um demônio! O couro repulsivo de seu rosto enrugado por pouco não cobria dois olhos de uma escuridão profunda e vazia. Suas orelhas eram pontudas e tinha um nariz atarracado como o de um bisão. De suas sobrancelhas nasciam dois chifres curvos e compridos para trás. Ao fitar os policiais, seus olhos tornaram-se rubros como um sangue vivo e pulsante.

— Atirem! Atirem todos! — bradejou o capitão.

Os policiais, assustados, dispararam. O demônio escudou o rosto com o braço esquerdo, lançou o corpo na direção dos policiais e rosnou num grave abissal. Então deslançou a forma corcunda para trás e desapareceu em uma fumaça negra e densa, que se dissipou no ar.

Com seu desaparecimento, os satanistas cortaram as próprias gargantas, à exceção de um deles, que foi detido pelos policiais. Aquele que foi baleado esgotou até a morte, afundando a face no próprio sangue.

Assim foi que a polícia impediu a morte de quatro crianças. Das seis desaparecidas, duas já haviam sido sacrificadas.

Um único sectário sobrevivera. E ele foi levado à delegacia para ser interrogado.

— O que vocês estavam fazendo lá? E o que era aquilo? O que era aquilo em cima das crianças mortas?!

— Não adianta, capitão — interrompeu o policial. — Ele parece estar hipnotizado. Veja como ele olha para o nada e não esboça reação. Daqui a pouco voltamos para falar com ele. Dê um tempo, pois quem deve interrogá-lo é o delegado.

— Ele tem, sim, um sorriso velado... Ele está debochando de nós!

— Espere o delegado.  
— Que delegado, que nada!  
— Venha, capitão. — insistiu o policial, puxando-o pelo braço.

Fora da sala de interrogatórios, o capitão pareceu se acalmar. Mas, num descuido do policial, ele sacou de uma faca e, num ímpeto, reentrou na sala.

— Vamos ver se ele não acorda do sono!

Puxou o braço do sectário, estendendo sua mão na mesa, e cravou nela a

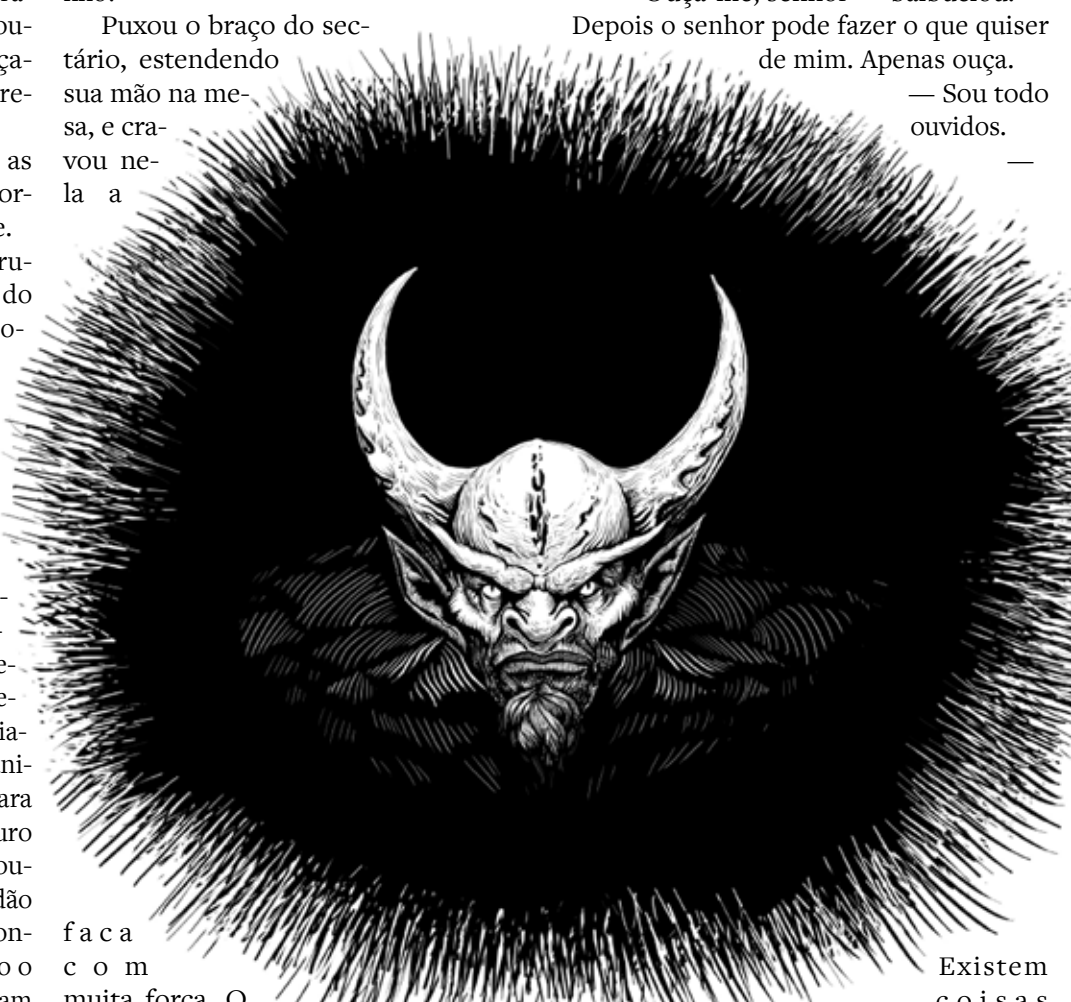
— Não, por favor!... — clamou o sectário, interrompendo a lamúria.

— Desembuche!  
— Eu lhe direi tudo, senhor. Só não me bata mais...

— Covarde! Você teve a mesma piedade com aquelas crianças estripadas?! Teve?! Debruçado sobre a mesa, o criminoso agonizava uma dor incessante.

— Ouça-me, senhor — balbuciou. — Depois o senhor pode fazer o que quiser de mim. Apenas ouça.

— Sou todo ouvidos.



faca com muita força. O outro urrou de dor.

— Ah! O quê?! Ah! Por que o senhor está fazendo isso?! — exclamou, parecendo livrar-se de um transe.

— Seu animal asqueroso! E você ainda pergunta por quê?!

— Calma, capitão! Calma! — gritou o policial, mas o capitão o lançou para fora da sala e trancou a porta. Voltou-se ao satanista, agarrando-o pela gola da camisa.

— O que você acha que estava fazendo ao matar crianças?! Crianças!

— Eu não tive escolha...

— Como não teve escolha?

— Não tive. O senhor não sabe como é fitar sozinho aqueles olhos vermelhos... O senhor também os viu...

— Diga, então!

— Eu não posso...

Ao ouvir a resposta, o capitão afundou a faca ainda mais em sua mão e, com um golpe do próprio punho, fraturou o pulso da mão que sangrava. O choro agora misturava-se aos gemidos de dor e ranger de dentes. Lá fora, tentavam arrombar a porta para impedir o capitão, mas ele a travou com uma cadeira.

— Você ainda tem muitos ossos...

Existem coisas que estão além da nossa compreensão e poderes muito superiores à ciência do homem.

A agitação da delegacia pareceu cessar e um silêncio tumular dominou a sala.

— Aonde quer chegar com isso, patife?

— Como bibliotecário-chefe da Universidade Nacional, sem querer tive acesso a livros raros, que não circulam por aí. Tais livros estavam perdidos havia séculos em prateleiras empoeiradas e sujas, longe das mãos dos homens. Selado,

um deles guardava um conhecimento oculto e ancestral, que inadvertidamente reavivei. Foi nesse momento que percebi que o senhor de minha alma já tinha planos para mim e havia me escolhido.

Falou comigo pelas páginas de seu livro: assim aprendi como invocá-lo e estar em sua presença. Contemple, capitão, que o senhor de minha alma é muito poderoso neste mundo! Ele me chamou para si e me revelou a verdade, como poucos na história puderam conhecê-la. Este mundo está condenado desde sua criação, e quem o herdará não serão os homens, mas aqueles que caíram na graça

de Deus. Aqueles que lutaram com os anjos e se retiraram para se tornar mais fortes. Com celestiais submissos ao Criador disputarão o mundo e vencerão! Pois tudo o que sobra da vida é a morte. O meu senhor é o Anjo da Morte, que veio preparar o mundo para um senhor maior ainda, o mais majestoso dos anjos. Disse-me, depois de todas as revelações: “Aquele que me for fiel e me prestar os antigos sacrifícios terá meu favor no fim do mundo.” Contou-me do Príncipe...

— Que príncipe?

— O maior anjo, o Anjo da Luz. Aquele que não mais será príncipe, mas rei!

— Seu imbecil, você está delirando?

— Não, capitão, talvez o senhor esteja... Como é que o senhor vai explicar o que viu no altar e que desapareceu

diante de todos como fumaça? Desperte do sono da mentira, capitão! Veja que o fim está próximo. E apenas quem estiver do lado certo viverá... Esteja com os mais fortes. Não há mais tempo para erros; não haverá outras gerações depois de nós. Pois seremos nós a testemunhar o julgamento final, em que não haverá juiz, mas será olho por olho, dente por dente. O fim está tão próximo que o meu senhor já pode sentir a presença do Príncipe. Olhe ao seu redor: em tudo o mal prevalece. Não se engane. O mal é a própria essência do homem. É ao mal que recorreremos nos momentos de fúria, é o mal que controla nossas reações. No mal encontramos a resposta para o que tanto procura nossa alma, em vão. O mal clama sangue!

— O único sangue que vai haver aqui é o seu, insano!  
— Então, o senhor não aceita o meu convite...  
— Vá para o inferno com suas loucuras!  
— Vamos todos...

O capitão percebeu que já não mais tentavam arrombar a porta. Todas as luzes se apagaram. Já não conseguia entender, o tempo parecia alterado. A única luz acesa era a que estava bem acima da mesa de interrogatório. Abriu a porta e nada viu, nem ninguém. A escuridão dominava tudo.

— O quê? Onde está todo mundo?

— Meu caro capitão... — voltou a falar o sectário, tirando lentamente a faca de sua mão e lambendo o sangue que dela escorria. — O sangue é vida, e é morte, e é poder neste mundo. Há o sangue inocente e o perverso, o novo e o velho, o doce e o amargo. Qualquer sangue humano fortalece e agrada meu senhor. Mas precisamos de mais. Principalmente o sangue forte e o da raiva, como o de um policial violento como você... Veja por si próprio qual é o terror dos olhos vermelhos. Veja como tudo agora se resume a olhos de sangue.

Ao olhar para trás, o capitão viu o vulto do demônio. Das sombras surgiram dois olhos vermelhos e malignos; a luz agora delineava a forma grotesca do demônio, que lhe falou num timbre profundo e escuro:

— Vós, humanos, estais com os dias contados...

**Olhe ao seu redor: em tudo o mal prevalece. Não se engane. O mal é a própria essência do homem. É ao mal que recorreremos nos momentos de fúria, é o mal que controla nossas reações. O mal clama sangue!**

## Palavra



“O espetáculo do mundo nos oferece frequentemente cenas de violência e intolerância, nascidas de preconceitos que querem se impor pela força, na ausência de questionamentos e, sobretudo, do exercício da razão.”

**RENÉ DESCARTES**

NASCIDO EM LA HAYE EN TOURAINE (ATUALMENTE DESCARTES), FRANÇA, EM 1596, O FILÓSOFO, FÍSICO E MATEMÁTICO, AUTOR DE “DISCURSO SOBRE O MÉTODO”, “GEOMETRIA” E “PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA”, DENTRE OUTROS, MORREU EM ESTOCOLMO, SUÉCIA, EM 1650.

*Descartes*



Cultural! é uma publicação do jornal O Extra.net, concebida por O. A. Secatto com o apoio da Confraria da Crônica.

**EXPEDIENTE**  
EDITOR: O. A. SECATTO  
COLABORADORES: GIL PIVA,  
JOÃO LEONEL, ZÉ RENATO E  
JACQUELINE PAGGIORO  
DIAGRAMAÇÃO: ALISSON CARVALHO



Poesia

Vinicius Augusto Alves Ranulfo da Silva  
estreia no caderno *Cultura!*  
com poema para Descartes

VINICIUS AUGUSTO ALVES RANULFO DA SILVA

La fin de la vie d’un génie

A Holanda era agora meu novo lar  
Pois na França não conseguia me concentrar  
Da mãe de minha filha eu queria correr  
E deixar minha pequena o mundo conhecer

Casamento não era algo que eu pensava  
Entretanto, uma filha eu amei ter  
Porém, uma febre tirou o que eu mais amava  
E aos cinco anos ela veio falecer

Essa notícia muito me entristeceu  
Mas, em meus pensamentos Deus sempre existiu  
As crenças de meus sucessores ficavam em segredo  
Contudo, revelei a minha sem medo

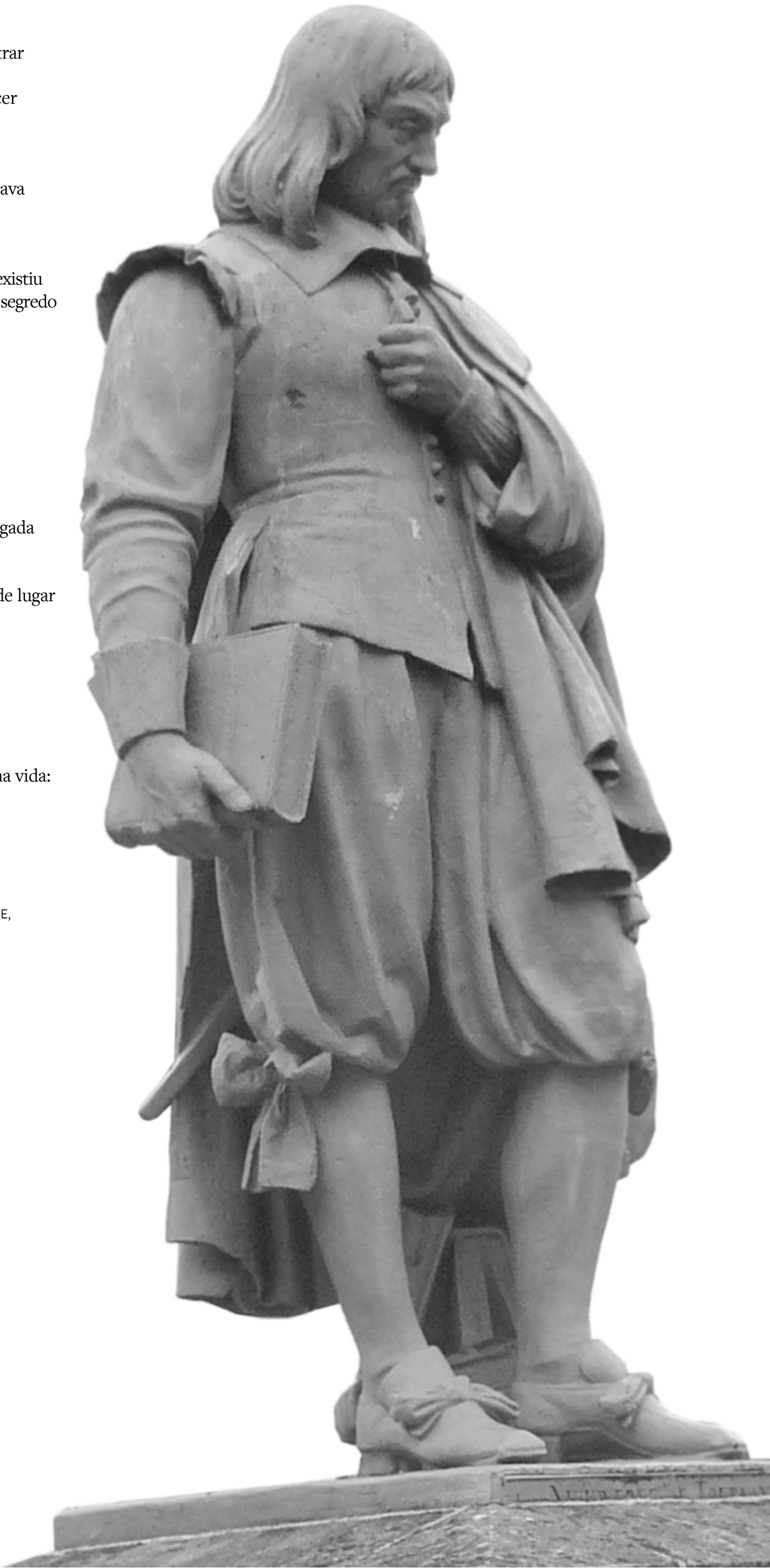
Cristina, a rainha  
Me pediu um favor,  
Pensamentos filosóficos eu tinha  
Então, me pediu para ser o seu tutor

Minha nacionalidade havia mudado  
Sueco eu virei  
E como a rainha queria estudar de madrugada  
Pneumonia eu peguei

Os meus restos mortais foram mudados de lugar  
E em Paris eles estão  
Para todo mundo contemplar  
Recebendo total admiração

E na Suécia foi onde tudo acabou  
O último vento de vida soprou  
E assim minha existência termina  
Com o pensamento mais famoso de minha vida:  
Penso, logo existo.

\*  
**VINICIUS AUGUSTO ALVES RANULFO DA SILVA**  
É ESTUDANTE DO 5.º PERÍODO DE ENGENHARIA DE  
COMPUTAÇÃO NO INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE,  
EM SÃO BENTO DO SUL (SC)





## História

“Em pouco tempo, atingiu uma notoriedade e um respeito enormes do público jovem. Rapidamente identificado com suas palavras. Solapou jovem guarda, tropicália, bossa nova e afins”

# EU VIVI HÁ TRINTA ANOS ATRÁS



ZÉ RENATO

**V**ozes eufóricas, gritos, urros, brados... Garrafas de vinho barato, cachaça, latas de cerveja circulavam livremente; de forma fraternal, iam de boca em boca; cigarros também faziam o mesmo movimento, eventualmente, baseados. Éxtase! Dionísio presente. Acabara há pouco mais uma apresentação. Deixava o palco, cansado, um misto de Genival Lacerda, Elvis e Jerry Lee, o baiano mais norte-americano, britânico do mundo: o velho Raul. Saudado de forma ensandecida e messiânica pelo público. Encostou sua Gibson 375 no pedestal, sentou-se com um copo de cerveja. Enquanto refestelava-se, sorvendo grandes goles do líquido, enxugava o suor com uma pequena toalha que lhe fora entregue por um membro da trupe. Observei-o por alguns instantes. Vieram-me à cabeça muitas coisas, como um filme. Recordo-me de sua primeira aparição para o grande público: “estourou” em 1973, com a música *Ouro de tolo*, uma espécie de prenúncio do rap, com uma harmonia meio brega, uma poesia poderosa e cortante como letra. Cada verso uma porrada. Assim começou tudo. Em pouco tempo, atingiu uma notoriedade e um respeito enormes do público

jovem. Rapidamente identificado com suas palavras.

Solapou jovem guarda, tropicália, bossa nova e afins.

Lembremos: o Brasil era carente de rock. Sim, tínhamos as bandas O Terço, Terreno Baldio e Joelho de Porco, todavia, não chegavam à maioria do público. Os Mutantes viviam seu eclipse.

Era uma voz diferente. Falava de tudo e de todos. Todavia, ia muito além.

Não me contive, criei coragem, aproximei-me.

Para espanto, ninguém barrou minha subida ao palco.

Fiquei frente a frente com Raul.

Alguns segundos em silêncio... Perguntei:

— Tudo bem, Raul?

— Beleza — respondeu.

— Podemos conversar um pouco? — disse-lhe.

— Lógico. Senta aí.

— Qual é a sensação de ser um ícone, a maior voz desse público?

— Cara, não vejo dessa maneira. Não tenho essa pretensão. Apenas componho e canto aquilo que penso e sinto.

— Se o público gosta, melhor.

— Veja, depois de trinta anos, reflito acerca de tudo que fiz e vivi.

— Como assim?

— Não estou mais aqui.

— Que que cê tá falando, mano?

— Já estou em outro plano. Você não percebeu? Lembra da Metamorfose ambulante? Pois é...

— Como assim?

— Faz trinta anos que parti.

— Raul, estou meio confuso...

— Hoje verifico que mudaria algumas coisas.

— Quais?

— Não deveria ter cometido tanto abuso, de álcool, drogas.

— Entendo.

**Encostou sua Gibson 375 no pedestal, sentou-se com um copo de cerveja. Enquanto refestelava-se, sorvendo grandes goles do líquido, enxugava o suor com uma pequena toalha**

fortuna, o estrelato e o exílio. Falhei como pai, como marido, como amigo... Errei muito.

— Calma aí Raul, você deixou um grande legado, uma grande obra, verdadeiras riquezas poética e musical.

— Isso é ilusório... Sinceramente, espero que permaneçam minhas mensagens de força, de fé, de vontade, de crença no humano, porém, daquele humano, para além do humano, distante das mediocridades, das mesmices, da burrice, entendeu?

— Você andou conversando com Nietzsche?

— Verdade. Já o lia. Agora conversamos.

— Sobre o quê?

— Não adianta insistir. Não estamos autorizados a falar do além.

— Há uma grande herança deixada. Você sabe.

— Verdade. Constato que antigos detratadores, hoje, reconhecem meu trabalho. Com alguns, os quais critiquei, hoje sinto-me reconciliado. Por exemplo, Caetano Veloso. Fico feliz e em paz.

— Com o Paulo Coelho você pôde fazer as pazes em vida.

— Graças ao Marcelo Nova. Marselhesa é um grande cara. Ao contrário daquilo que muitos dizem. Injustamente. Fodam-se eles. Perdão. Esqueço que não posso mais blasfemar.

— Foda-se. Você pode. Você é o Raul. Sempre será.

— Valeu, mano. Suas palavras me tranquilizam. Me fortalecem. Percebo que meu trabalho não foi em vão.

— Óbvio que não. Você é gênio.

— Perdoe-me. Preciso voltar. Há uma jan programada com o Elvis, com Lenon e o Muddy Waters. Talvez o Brian Jones, a Janis, o Jimi e o Jim. Preciso me retirar.

— Vai em paz, irmão. Dê um grande beijo em todos.

— Muito obrigado. Será dado.

Não sei se acordei, se dormi, se sonhei. Talvez, tenha nascido há dez mil anos atrás... Por via das dúvidas: TOCA RAUL!